

## **A poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen**

Doutoranda Rita do P. S. B. de Oliveira<sup>1</sup>

### **Resumo:**

Neste artigo, pretende-se discutir a preocupação do poeta Sophia de Mello Breyner Andresen quanto a alguns perigos na vida contemporânea, como o consumismo e a supremacia do sujeito, tomando como referência suas entrevistas e poemas.

**Palavras-chave:** poesia, sujeito, discurso.

### **Abstract:**

In this article, we intend to argue the concern of the poet Sophia de Mello Breyner Andresen about some dangers in the life contemporary, as the consumerism and the supremacy of the subject, taking as reference her interviews and poems.

**Key words:** poetry, subject, speech

### **Introdução**

Dois poemas de Sophia, **Evohé Bakkhos** e **Apolo Musageta**, publicados em seu primeiro livro, **Poesia** (2003a, p. 17-18) apontam para algumas considerações quanto à condição do homem perante a vida. O segundo trata da plenitude do saber, enquanto o primeiro, de seu exercício. Os dois poemas são tomados como ponto de partida para refletir a respeito das seguintes questões na lírica de Sophia: De que modo o poema é o lugar da fala, que sentido atribuir à multiplicação do sujeito e como se realiza a relação do exterior com o interior.

Nessa lírica, o homem é considerado não apenas herdeiro dos deuses como também um deus, por seu poder criador e transformador, estando a divindade e o divino na vida cotidiana. Ao mesmo tempo, o poder de criar está comprometido pela divisão do mundo provocada pelo próprio homem. A palavra é o material empregado pelo poeta para redescobrir a inteireza do homem no mundo, mesmo que seja no círculo do poema.

---

<sup>1</sup> **Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira, doutoranda pela PUC-RIO**

Mestra em Literatura Brasileira, Professora da Universidade Federal do Amazonas, Departamento de Língua e Literatura Portuguesa ritapso@click21.com.br.

Nesse sentido, o processo de olhar a realidade objetiva, de multiplicar os sujeitos do poema e de considerar o processo da exterioridade com a interioridade corresponde o simulacro para libertar o homem de si mesmo.

## **1 O círculo do poema como lugar e entre-lugar da fala**

### **1.1 Redescoberta**

No poema I de **As ilhas** do livro **Navegações**, (SOPHIA, 2003d, p. 23), o poeta mostra o aparecimento do que sempre existiu, mas representava ausência ou desconhecido. A presentificação das ilhas é marcada pelo colorido a princípio delicado que se muda para o ofuscante, como se navegar para o oriente possibilitasse a descoberta do real em todo o seu esplendor. Esse choque neutraliza parte do sujeito e torna possível sua transformação, agora iluminado e violentado pela coisa. É o recomeço, o redescobrimento. As imagem de despojamento e de renúncia de si mesmo possibilitam ver o novo.

Como diz Sophia em entrevista a Eduardo Prado Coelho, a aventura do olhar leva o homem a se entregar ao invisível (2000, p. 06). E também no poema **Arte poética I**, a poesia é uma “arte de ascese que limpa o olhar” (2003c, p. 93).

Sophia escreveu o poema acima referido quando viajou para Macau, logo após ter sobrevoado a costa do Vietnã:

Um céu azul com umas nuvens que depois aparecem no poema descritas como as garças, eram nuvens esgarçadas. Via a costa do Vietnã, uma costa de verdura espessa com uma longa praia a bordar a verdura; e depois, no mar, havia três ilhas de coral azul. O azul das ilhas, quase roxo; depois a laguna azul mais claro, depois o azul do mar e o azul do céu: [eu] tinha a impressão de que as ilhas eram os olhos azuis do mar... Era uma beleza inacreditável, e eu pensei: “O que terá sido chegar aqui desprevenido?”, quer dizer, dobrar um cabo, e não se sabe se do outro lado está um abismo, um deserto ou uma ilha paradisíaca (apud COELHO, 2004, p. 06).

Esse testemunho mostra a importância de reatualizar os fatos pela sua reescritura, pela escrita sob novo olhar. Se no período das navegações a inserção do Oriente na historiografia se deu com base na vivência que o descobridor possuía, agora ele precisa abandonar parte do seu referencial.

Maria Alzira Seixo escreve que, em **O búzio de Cós e outros poemas**, o estatuto moral sophiano atinge “o apuramento ético” (2001, p. 04). Desse livro, destaca-se **Arte poética**, em que se exige que a consciência esteja atenta para a escrita do poema “como quem devora o coração do leão” (SOPHIA, 1999, p. 08). O homem, diante do desconhecido, desnuda-se de todas as certezas, cisma para ver, deixar falar o real e se redescobrir.

A exigência de um outro olhar para a vida a sua volta indica a preocupação de Sophia com determinadas atitudes do homem que representam o perigo de ele se destruir, como o consumismo. Movido pela propaganda, age de modo padronizado, o que o impede de refletir sobre o acúmulo de objetos que nem sempre são de boa qualidade material e cultural, para cujo usufruto não encontra tempo disponível.

Numa entrevista a Luís Figueiredo Tomé, Sophia cita alguns desses perigos:

A guerra nuclear, as centrais nucleares e seus resíduos, a degradação do ambiente natural, a massificação, a ausência do sagrado na vida quotidiana, a promoção dos fanáticos e incompetentes, o consumismo, as propagandas, a demagogia. Numa palavra, a degradação da Natureza e a degradação do espírito humano (1987, p. VI).

Essa questão provém do excesso de racionalidade na vida contemporânea e toma voz na lírica sophiana em poemas como **A activista cultural** e **Turistas no museu** (1999, p. 18-19).

## **1.2 Multiplicação do sujeito**

Nos poemas de Sophia há, além do sujeito, o outro para quem o primeiro reapresenta uma coisa e juntamente com quem ele redescobre uma realidade. É como se o sujeito deixasse uma abertura para o outro também reavivar os sentidos. O sujeito coloca-se numa relação de partilha da realidade despertada. Nota-se, então, o artifício do sujeito para revelar que tanto ele é e está, como também o outro é e está naquilo que se concretiza no poema: ele e o outro são elementos de transformação.

A presença de mais de um sujeito instaura, na comunicação, a continuidade do olhar e da escuta, numa exigência do estado de consciência atenta diante do mundo.

Sofia de Sousa Silva destaca, na lírica sophiana, um compromisso com “a reintrodução da experiência compartilhada na poesia, da sua dimensão social,

[implicando] a recusa de viver numa torre de marfim” (2004, p. 219). Acrescenta-se que esse compromisso se mostra no processo em que o sujeito do poema se torna plural, quando ele vê o mundo juntamente com outros também sujeitos do poema, à medida que estes repetem o gesto de olhar.

Isso lembra o sujeito do poema na lírica de Baudelaire, o qual, segundo Hugo Friedrich, é marcado pela despersonalização que afasta ao máximo a pessoa empírica do poema para expressar o estado da consciência atenta (1991, p. 35). Nos poemas de Sophia há uma espécie de pluripersonalização que aproxima um sujeito do poema de outros sujeitos para instigar a atenção da consciência.

Essa multiplicidade de vozes corresponde a diferentes perspectivas com as quais cada sujeito realiza uma descoberta. A repetição do gesto, então, é sempre nova, recomeço e redescoberta. E é por isso que a lírica de Sophia possui o dialogismo que instaura a constante desmontagem de tudo o que é convenção.

Se, em certos poemas, há a simulação do automatismo limitador do olhar e da escuta, a possibilidade de mudança do estado de desatenção convive no mesmo poema, como se lê em: “O ouvido não ouve a flauta da penumbra/ Nem reconhece o silêncio”; e também em: “(Onde o antigo cismar demorado da viagem?)” (SOPHIA, 1999, p. 06 e 19). Isso aponta o auto-impedimento que fecha as portas da percepção.

A pluripersonalização tem a ver, portanto, com o reconhecimento daquilo que Sophia chama a “veemência das coisas”, num ritual que se amplia do tocar, olhar e ouvir para o cismar, numa atitude de espera tanto para escutar o silêncio como para agir perante ele, comunicá-lo, conforme está dito em: “Nem um momento só podes perder/ A linha musical do encantamento/ Que é teu sol, tua luz, teu alimento” (SOPHIA, 1999, p. 12). Cismar é, nesse sentido, a consciência atenta diante da vida, que possibilita contestar, destruir conceitos, redimensionar atitudes e também se deixar invadir pelo pessimismo: “A liberdade que dos deuses eu esperava/ Quebrou-se. As rosas que eu colhia,/ Transparentes no tempo luminoso,/ Morreram com o tempo que as abria” (SOPHIA, 2003b, p. 23).

Não se pode esquecer a convergência do exercício poético sophiano com as propostas surrealistas formuladas ao mesmo tempo em que os primeiros livros dela são publicados. André Breton diz que “a linguagem pode e deve ser arrancada a sua

servidão” (apud GOMES, 1995, p. 41). Considerando que a individualidade do sujeito está fortemente determinada no mundo ocidental, pode-se entender que o sujeito plural nos poemas sophianos libertam a linguagem no sentido de permitir que diferentes vozes contestem ou discutam as amarras sociais.

Izabela Leal escreve que, a certa altura das discussões de artistas portugueses que se reuniam em torno das atitudes que deveriam tomar na poesia, relacionadas ao movimento surrealista, as gerações convergiam – claro, sem unanimidade – ora para a idéia de que a poesia deve ser feita por todos, ora por um só, ora contra todos (2005, p. 107). Nos poemas de Sophia, o diálogo com essas três idéias é recorrente e, em seu último livro, nota-se que a atitude se transforma para “a poesia é feita juntamente com todos”, tendo como ponto de partida a escuta da palavra pelo poeta, numa repetição que se amplia com a escuta, ou talvez o eco, de todos.

Izabela destaca também o modo como “essa concepção de poesia adotada como estilo de vida ganha o estatuto ético” (2005, p. 117). A destruição de valores, no caso da lírica sophiana, possui preocupação com os dilemas por que passa o mundo, em que, mais do que lançar uma proposta de transformação, é necessário ouvir e contestar as vozes que talvez possuam alguma proposta nesse sentido.

Contra o perigo representado pela supremacia do sujeito, o poeta pluraliza-se. Com essa experiência, ele rompe os limites da convenção e abre o espaço do poema para a vida prática. Dar voz a mais de um sujeito é um ato de transgressão que alcança o cotidiano, onde se pode refletir sobre alguns gestos da cultura. A voz desse sujeito multiplicado reintegra sua natureza anterior ao excesso de racionalidade na sociedade moderna. Há, portanto, um sujeito que se fratura para se constituir de outra maneira.

### **1.3 O interior-exterior como aliança do espaço e do tempo**

Na lírica de Sophia, há uma relação de continuidade do exterior para o interior e deste para o outro, no sentido que, pela apreensão de uma coisa, o sujeito reata esses dois lugares na circularidade do poema.

Em entrevista concedida a Maria Maia, Sophia declara: “Minha poesia é Portugal, é interior e é exterior. Tenho uma parte intelectual. Mas tem uma parte vivida” (2003, p.10-11). À princípio, a resposta leva a crer que a parte intelectual está ligada ao rigor da escrita, à força estruturante, sendo a interioridade; e a parte vivida está ligada ao material

proveniente de seu universo ibérico e nórdico, sendo a exterioridade. Essa resposta, porém, restringe a inter-relação do exterior com o interior predominante na lírica sophiana e possibilita restituir à vida sua inteireza. O poema **O búzio de Cós** problematiza essa questão ao abrir perspectivas para que seja reintegrada a plenitude ao mundo agora fragmentado. A poesia prolonga-se para a vida cotidiana.

Para representar essa inter-relação, o poema constitui-se num jogo em que a leveza no dizer e o rigor na feitura despertam em cada palavra uma espécie de respiração e transpiração. Esse efeito é obtido pela harmonia do ritmo com a imagem construída que por si só já é movimento, como no poema **Ondas** (SOPHIA, 2003e, p. 25), onde é produzido o movimento visual, sonoro e tátil no exato momento em que a coisa nasce, como se fosse pela primeira vez. Neste sentido, a coisa é olhada e está no mundo como algo distinto e ao mesmo tempo semelhante e inseparável das outras coisas. Por isso, ela é revelada como harmonia perfeita. Eis a justa medida de tudo o que existe na lírica de Sophia. Para que ela prevaleça, a imagem da coisa é tomada em seu nascimento, anteriormente à convenção a que foi submetida.

A respeito disso, Helena Carvalhão Buescu escreve que

o ato poético de Sophia é uma forma de exaltar a poesia (...) O poema é o instante: o do surgimento de uma realidade que brilha, um país das maravilhas onde o acontecer das coisas felizes e infelizes é sempre novo, visível pela profundidade dos contrastes entre a luminosidade e a penumbra ou escuridão (2001, p. 3-5).

Esse nascimento instaura também a aparição de uma realidade, tema central da lírica de Sophia sobre o qual ela discorre em algumas de suas artes poéticas.

Vale ressaltar, porém, que a harmonia perfeita corresponde a um simulacro, porque há uma tensão que extrapola o espaço-tempo do poema, sua circularidade, e atinge a vida.

A simulação faz parte de um jogo com a palavra, do qual participa o leitor, conforme Sophia diz na entrevista a Maria Maia que lhe pergunta se o exercício poético é brincar com as palavras:

Há muita parte de jogo, sim. Eu acho que o melhor momento da escrita do poema é quando as pessoas começam a sentir as palavras moverem-se sozinhas e a

brincarem umas com as outras. Andar a procura da rima, andar a procura do tempo, a procura da consonância (2003, p. 11).

O jogo aproxima o leitor do poema, retém sua atenção e permite que este amplie o sentido da palavra e do mundo por ela criado.

Sobre o poder da palavra, há um poema com o título homônimo que é revelador: seu emprego tanto na escrita quanto na oralidade exige do homem a consciência atenta ligada a sua vida prática. É por isso que, no corpo do poema, são trazidos para o diálogo Heráclito e a língua *Malinké*. Também ao longo de suas artes poéticas enumeradas de I a V, o valor da palavra é tratado de modo recorrente: a palavra reata o elo do mundo dividido ao criar uma outra realidade; ela vive ao ser pronunciada; é descoberta quando os sentidos do homem estão atentos para o que está a sua volta; materializa-se no texto com obstinado rigor; e é livre até mesmo do poeta. A palavra, na lírica sophiana, é elo, vida, consciência, precisão, liberdade. Nada mais transformador do que tais imagens.

A propósito, não se pode deixar de citar o poema **25 de abril**, que apreende o instante em que o homem se sente completo consigo mesmo, com os outros e com a vida, porque acaba de alcançar uma verdade, um momento que representa o ponto de partida para mudar o mundo (SOPHIA, 1977, p. 28). Todavia, ao mesmo tempo que o poema é datado pela história de Portugal, seu poder transformador vai além do fato, porque é próprio da poesia desalienar no sentido de procurar o olhar e a voz do real que se cumpre como tempo do restabelecimento de uma justiça. O poema citado representa, portanto, o renascimento que pode acontecer a cada dia, a cada gesto, cuja plenitude se registra num átimo da temporalidade.

A propósito disso, em entrevista a Eduardo Prado Coelho, Sophia diz:

O 25 de abril foi dos momentos de máxima alegria da minha vida. Foram dias que vivi em estado de levitação. Isso aliás aconteceu a muita gente (...) Mas ao mesmo tempo foi uma ocasião perdida de uma maneira terrível, talvez porque não está (sic) na natureza das coisas cumprir aquilo que o 25 de abril prometia... É um pouco como a adolescência que tem em si mesmo imensas possibilidades que depois se vão malogrando (2004, p. 13).

Ressalte-se que é a inter-relação do exterior com o interior se grava como a marca do pensamento que norteou sua obra: dar a ver e a escutar a natureza das coisas, cismar a respeito da vida e fazer brotar o real. Até mesmo o pessimismo perante o resultado frustrante de determinadas ações, a falta de firmeza e o automatismo, inscreve-se no poema, ganha voz e ultrapassa aquele círculo.

### **Conclusão**

A lírica de Sophia aponta para outro modo de compreender a vida, em cujo processo, o trabalho com a palavra corresponde a uma reinvenção, baseada no obstinado rigor de uma escuta, em que o poeta ouve “o ditado do pensamento”.

A escrita do poema, atividade fechada, dá a ver e a escutar o real objetivo. É um exercício pessoal que se expande e se alimenta no coletivo. Um ritual em que se assume o poder de nomear as coisas, no sentido de destruir o convencional e apreender um mundo real.

A imagem construída para o poeta, de *Apolo Musageta* e ao mesmo tempo profetisa de Dionysos, restabelece a aliança do saber e da ação que sempre fez parte da vida e que em certos tempos se fragiliza.

Sophia não mais escreve textos por suas mãos. Sua obra, a despeito disso, não está acabada, pois cada leitor nela descobre uma explosão de significações e a reescreve e a amplia.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **O nome das coisas**. Lisboa: Moraes, 1977.

\_\_\_\_\_. **Poesia**. Lisboa: Caminho, 2003a.

\_\_\_\_\_. **No tempo dividido**. Lisboa: Caminho, 2003b.

\_\_\_\_\_. **Geografia**. Lisboa: Caminho, 2003c.

\_\_\_\_\_. **Navegações**. Lisboa: Caminho, 2003d.

\_\_\_\_\_. **Musa**. Lisboa: Caminho, 2003e.

\_\_\_\_\_. **O búzio de Cós e outros poemas**. 3 ed. Lisboa: Caminho, 1999.

BRETON, André. Introduction au discours sur le peu de réalité, In : Gomes, Álvaro Cardoso. **A estética surrealista**. São Paulo: Atlas, 1995.

BUESCU, Helena Carvalhão. **Sophia no país das maravilhas**. Disponível em: [www.instituto-camoes.pt/escritores/sophia/sophpaismaravill.htm](http://www.instituto-camoes.pt/escritores/sophia/sophpaismaravill.htm). Acesso em 04/02/2004.



COELHO, Eduardo Prado. **Uma personalidade, um tempo, uma obra**. Disponível em : [www.instituto-camoes.pt/escritores/sophia/sophiaepe.htm](http://www.instituto-camoes.pt/escritores/sophia/sophiaepe.htm). Acesso em 18/03/2004.

FRIEDRICH. Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

LEAL, Izabela. A poesia deve ser feita por todo, por um só, ou contra todos? – do surrealismo a Herberto Helder. **Revista Gândara**. Rio de Janeiro: Cátedra Pe. Antonio Vieira/ PUC-RIO, Número 1, 2005. p. 107 a 121.

MAIA, Maria. Sophia de Mello Breyner Andresen, substantiva e concreta. In: **Jornal de Poesia**, Lisboa: Soares Feitosa, 10/05/2000. Disponível em: [www.jornaldepoesia.jor.br/lmmaial.html](http://www.jornaldepoesia.jor.br/lmmaial.html). Acesso em 28/09/2003.

SEIXO, Maria Alzira. Ética da poesia. Linda-a-Velha: **Jornal de Letras, artes e idéias**. 21/03/2001. Disponível em: [www.instituto-camoes.pt/escritores/sophia/eticapoesia.htm](http://www.instituto-camoes.pt/escritores/sophia/eticapoesia.htm). Acesso em 04/02/2004.

SILVA, Sofia de Sousa. “Dar a ver”: João Cabral de Mello Neto e Sophia de Mello Breyner Andresen. **Revista Semear**. Rio de Janeiro: Instituto Camões/ Fundação Calouste Gulbenkian/ PUC-RIO, número 10, 2004, p. 213 a 219.

TOMÉ, Luís Figueiredo. Sophia de Mello Breyner termina o livro de poesia *Estilo manuelino*. DN Cultura. **Diário de Notícias**. Lisboa. 20/12/1987, p. VI e VII.